



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
Centro de Formação de Professores
Núcleo de Gestão de Pesquisa

José Marques Cardoso de Oliveira

**FILOSOFIA E INTUIÇÃO EM BERGSON: DA
PERCEPÇÃO DA MATÉRIA À MOBILIDADE DO REAL**

AMARGOSA

2018

JOSÉ MARQUES CARDOSO DE OLIVEIRA

**FILOSOFIA E INTUIÇÃO EM BERGSON: DA
PERCEPÇÃO DA MATÉRIA À MOBILIDADE DO REAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina Monografia II, do curso de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Pablo Enrique Abraham Zunino

AMARGOSA

2018

JOSÉ MARQUES CARDOSO DE OLIVEIRA

**FILOSOFIA E INTUIÇÃO EM BERGSON: DA
PERCEPÇÃO DA MATÉRIA À MOBILIDADE DO REAL**

Este TCC foi apresentado/ defendido no CFP da UFRB, em

Amargosa, BA, no dia / /2018

Profa. Dra. Denise Magalhaes da costa- UFRB

Profa. Dra. Geovana da Paz Monteiro- UFRB

Prof. Dr. Rafael dos Reis Ferreira- UFRB

Prof. Dr. Ricardo Henrique Resende de Andrade- UFRB

DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado a todos que acreditaram em meu potencial, e que colaboraram direta ou indiretamente na realização do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeira instância, a minha mãe, Raquel dos Santos Cardoso, por se fazer presente como figura materna e paterna em virtude da perda precoce de meu pai, José Ferreira de Oliveira, o qual não poderia deixar de citar aqui. Ambos não mediram esforços para que seus seis filhos trilhassem o caminho da educação, que lhes foi suprimido por fatores econômicos;

Ao professor Emanuel Soares, por ser uma figura inspiradora para muitos que ingressam ao curso; Ao professor Ricardo Henrique, pelo apadrinhamento e solicitude nos momentos difíceis do curso, além de sua contribuição intelectual para minha formação;

Ao professor Pablo Zunino, por me orientar a trilhar um caminho de pesquisa que culminou nesse trabalho, e por nos apresentar um jeito de estudar e desenvolver a escrita filosófica de um modo muito particular;

Ao meu irmão Reginaldo Cardoso, por ser o principal ouvinte dos meus estudos, assim como minha companheira de todas as horas Jaqueline Santos Andrade, que sempre esteve ao meu lado, ouvindo minhas angústias e minhas alegrias nesse percurso acadêmico; Aos meus familiares, que me apoiaram direta ou indiretamente com meus estudos;

À Iracema Menezes, por me acolher no curso e, voluntariamente, se dispor a me ajudar a incorporar a rotina da academia; Aos meus amigos, Islândio Fernandes, Lucas Silva, Luan Silva, Lurias Silva, Paulo Silva, dentre outros, por me apoiarem e sempre estarem presentes quando preciso; Aos meus colegas de curso, em especial, Erivaldo Soares pelo acolhimento quando necessário, e Maria Cândida, pela parceria e troca de conhecimentos ao longo da jornada estudantil.

Aos professore(a)s do CEJAD, em especial, Luciene Rocha, Carmem Lucia, Leninha e Zélia Rita por me acolherem tão bem no colégio em todos os momentos solicitados;

A todos os professores do curso pela contribuição intelectual que nos proporcionaram e possibilitaram a formação filosófica.

EPÍGRAFE

"Que é, pois, o tempo? Quem o poderá explicar facilmente e com brevidade? Quem poderá apreendê-lo, mesmo com o pensamento, para proferir uma palavra acerca dele? Que realidade mais familiar e conhecida do que o tempo evocamos na nossa conversação? E quando falamos dele, sem dúvida compreendemos, e também compreendemos, quando ouvimos alguém falar dele. O que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem me pergunta, não sei..."

Santo Agostinho

RESUMO

OLIVEIRA, JOSÉ MARQUES. Bergson: Filosofia e intuição em Bergson: da percepção da matéria à mobilidade real. 2018,40. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Filosofia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, 2018.

Esse trabalho é desenvolvido no intuito de propor uma leitura abrangente do filósofo francês Henri Bergson, à medida que evidencia temáticas caras às reflexões do autor, sem que a análise imponha um tema em específico. O fato de Bergson desenvolver sua filosofia em forma de sistema, o qual nos permite refletir várias temáticas, tendo como plano de fundo a temática central, nos possibilitou elaborar a pesquisa nesse formato. A temática central é a captação intuitiva material e psicológica, tendo como temas auxiliares a crítica tecida pelo filósofo em relação à forma pela qual o real foi exprimido ao longo da história da filosofia, e o caminho que o autor indica para que tenhamos uma percepção do real sem o véu do simbolismo. Para isso, partimos da análise que o filósofo desenvolve da percepção material auxiliada pela memória, e como essa funcionalidade humana é indispensável à preservação da espécie. Em seguida, evidenciamos a crítica do autor em relação à forma pela qual o real foi substituído pelo simbolismo conceitual, através de uma confusão desenvolvida na concepção do movimento, ao mesmo passo que evidenciamos também o que o autor compreende como movimento traduzido por duração, e a forma de captá-lo pela intuição. Logo após, descrevemos como o autor indica um modo de captar o real e exprimi-lo sem que para isso o símbolo afaste o que é essencialmente vida, a saber, o movimento, e como a arte, em especial a música, é capaz de indicar o movimento real. Por fim, tentamos estabelecer um ponto de intercessão entre a percepção do artista e do filósofo no meio social.

Palavras-chave: Bergson. Percepção. Duração. Intuição. Arte.

ABSTRACT

OLIVEIRA, JOSÉ MARQUES. Bergson: Philosophy and intuition in Bergson: from the perception of matter to real mobility. 2018,40
Graduation Work - Philosophy. Federal University of the Recôncavo of Bahia.
Amargosa, 2018.

This paper has been developed with the intent to propose an embracing reading of the french philosopher Henri Bergson, as evinces thematic estimated of the author's reflections, without the analysis of a specific topic. The fact that Bergson developed his philosophy in the form of a system, wich one allows the reflection about various thematic having as background the central thematic, enabled us to elaborate that research in this format. The central thematic is the intuitive, material and psychological captation, having as auxiliar theme the critical woven by the philosopher about the form in wich the real was conceived throughout the philosophy history, and the way indicated by the author so that we have a perception of the real without the veil of the symbolism. For this we start from the analysis that the philosopher developed of the material perception aided by the memory, and how this human functionality is indispensable to the preservation of the species. Then we will evidence the author's criticism about the way in wich the real has been replaced by the conceptual symbolism, through confusion developed in the conception of the movement; at the same time as we will evidence what the author understand as movement translated by duration, and the way of capturing it by intuition. Finishing our text, we will describe how the author indicates a way of capture the real and express it without the symbol distancing what is essential for life, namely, the movement. And how art, especially the music is capable to indicate the real movement. Lastly, we will try to establish a point of intersection between the perceptions of the artist and the philosopher in the social enviroment.

Keywords: Bergson. Perception. Duration. Intuition. Art.

Sumário

Introdução	10
Capítulo I : Percepção, corpo e memória	13
Percepção corpo e memória	13
1.1 Teoria das imagens	14
1.2 Percepção	15
1.3 Percepção consciente e inconsciente	18
1.4 Memória	19
Capítulo II: Duração e Intuição	23
O movimento extenso e inextenso e sua captação	23
1 2.1 Movimento	24
2 2.2 Duração	26
3 2.3 Intuição	29
Capítulo III: Filosofia e Arte	32
A fuga do véu da vida e a volta ao orgânico por meio da arte	33
3.1 A mobilidade conceitual	33
3.2 Música e Duração	35
3.3 Alargamento perceptivo	36
Considerações finais	39
Referência	40

Introdução

Ao longo da história da filosofia, uma das temáticas mais debatidas é, sem dúvida, a percepção. Esses debates foram desenvolvidos em função de dúvidas geradas em relação à natureza do real, ou seja, se é móvel, ou inerte; se o real é mobilidade, ou se a mobilidade é um engano. Vários filósofos desenvolveram reflexões referentes a essa temática, desde Heráclito e Parmênides até os modernos representados nas correntes realistas e idealistas. Essa posição de antagonismo que se perpetuou ao longo das reflexões filosóficas é rediscutida por Henri Bergson, filósofo francês contemporâneo, que tenta estabelecer uma relação entre os dois pensamentos que se mantiveram em oposição, ao se instalar em um local intermediário, ou seja, tentando encontrar um ponto de intercessão entre o material e o ideal.

Para desenvolver essa tarefa árdua, o autor necessitou repensar uma temática cara à filosofia, a saber, a metafísica. Para isso, ele compreende que a metafísica deve ser pensada na imanência do real, e não mais de forma transcendente ou transcendental, concentrando, assim, seus esforços para rediscutir a universalidade e a realidade que, ao longo da história filosófica, utilizou conceitos para exprimi-los. Bergson salienta a necessidade de aproximar os indivíduos da realidade mesma, uma vez que, tanto a vida utilitária, quanto o simbolismo universalizante, por meio do conceito, só nos forneceram uma realidade encoberta pelo véu da imprecisão. Para isso, ele vai desenvolver um estudo sobre a matéria e a percepção, e compreende que a percepção que habitualmente utilizamos em nossas ações, apesar de ser crucial à nossa preservação em conjunto com a memória, ponto de intercessão entre o extenso e o inextenso, potencializa uma falsa impressão de imobilidade do real, sendo necessário ao filósofo desenvolver um método de captação do real que possa dar conta de percebê-lo em sua natureza íntima, a mobilidade, ou seja, em sua duração.

O método utilizado pelo autor para captar o real é a intuição. Esse método é responsável por apreender o fluxo contínuo da vida material assim como o da vida psicológica. Após a utilização desse método, o autor desenvolve uma maneira de exprimir o real por meio de conceitos, não mais os rígidos que corroboram para compreendermos o real como imobilidade, mas conceitos móveis, capazes de dar conta de expressar essa mobilidade viva. Bergson defende também que a música é uma ilustração da duração ou do tempo fluido sem os recortes conceituais desenvolvidos pela inteligência para distinguir a matéria e os

estados psicológicos, aproximando, assim, a filosofia da arte, e salientando que ambas têm uma relação.

O pensamento que influenciou a elaboração dessa pesquisa é justamente a relação entre filosofia e arte. Afinal, há algum ponto de intercessão entre a reflexão do filósofo e do artista? O que os difere perceptivamente dos demais indivíduos que se ocupam de outras atividades em que o ponto central é a produção mecânica e não a reflexão? Os questionamentos surgem ao identificar que a arte e a filosofia exigem um cuidado e uma sensibilidade perceptiva que escapam o todo social, por encontrar barreiras quanto à disposição necessária à captação do que ambas querem evidenciar, se refugiando, não em pessoas especiais, mas em sujeitos predispostos a acolher o que é proporcionado por esses dois meios reflexivos. A pesquisa se faz necessária por uma escassez de escritos acadêmicos que sejam voltados para tentar aproximar esses dois saberes tão presentes no meio social, e tem por finalidade contribuir para que reflexões de mesma natureza possam ganhar mais espaço no meio filosófico.

Para desenvolvermos nossa pesquisa, não iniciamos com a resolução do problema exposto acima, partimos do objetivo principal da pesquisa, que é o movimento material e psicológico, e a possibilidade de captá-lo por meio da percepção. Só a partir daí, tivemos condições de estabelecer a relação entre a atividade do artista e do filósofo em seu meio e qual o diferencial perceptivo.

Objetivamos, por meio dessa pesquisa, compreender como podemos captar o movimento material e psicológico em sua mobilidade. Para isso, partimos, já no primeiro capítulo, da pesquisa sobre a matéria, a partir da teoria das imagens desenvolvida no livro *Matéria e memória* (1879). Em seguida, tentamos evidenciar o que o autor compreende por percepção, através do mesmo livro, e a sua relação com a memória e a consciência, além do papel que a relação entre essas funções corporais desempenham na preservação da espécie humana.

O segundo capítulo se encarregou de aprofundar a reflexão sobre a matéria, que é introduzida no primeiro capítulo como movente, e a forma de captar o movimento extenso e inextenso. Para isso, apresentamos o pensamento de Bergson em relação à concepção de movimento e do tempo, a partir da crítica ao paradoxo de Zenão, contida no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889). Para o autor, o paradoxo que fundamenta uma espacialização do movimento e do tempo, junto à conceituação, é responsável por gerar problemas insolúveis à filosofia, fazendo-se necessário repensá-lo a partir de uma nova

concepção de movimento e tempo. Por meio da reflexão do movimento e do tempo, o filósofo desenvolve o conceito de duração, assim como um método de captar o movimento material e psicológico, a intuição. Além de encontrar uma forma de expressar o real por meio da criação de novos conceitos móveis que sejam capazes de se moldarem ao movimento da duração.

O último capítulo teve como finalidade estabelecer uma relação entre a duração e a música, tomando como base passagens da coletânea *O pensamento e o movente* (1934), na qual o autor estabelece relações entre a criação artística e filosófica, e apontar um possível papel desempenhado por ambas, no meio social, para captação do real. Como plano de fundo, nos esforçamos para evidenciar a diferença existente entre a percepção do artista e do filósofo quando estão em atividade, em relação aos indivíduos que mantêm uma forma de vida que privilegia a utilidade ou mecaniza suas ações em função da praticidade.

CAPÍTULO I

Percepção, corpo e memória.

A preservação da espécie

É notório que a vida, em um sentido amplo da palavra, ou seja, a matéria que inclui a composição corporal do homem, é carregada de relações que a inteligência humana se dispôs e se dispõe a desvendar. O homem é um animal que não se limita em procurar respostas apenas para os acontecimentos naturais. Procura compreender a composição de seu corpo, no caso da fisiologia, se interroga sobre suas atitudes em sociedade, através das reflexões éticas, e, para além disso, tenta desvendar os mistérios da psique.

Uma série de ferramentas são criadas pelo homem, tendo em vista a sua preservação. São fabricados aparelhos de alta tecnologia para auxiliar o tratamento de doenças, são criados, a todo o momento, medicamentos de prevenção e controle de enfermidades, são utilizadas técnicas de exercício físico para que os órgãos possam ter um melhor desempenho, e até tratamentos de relaxamento para a saúde mental. No entanto, nosso corpo possui mecanismos que são essenciais a nossa preservação. O que seria do homem sem a percepção? Como se defender de um leão, uma ameaça em potencial, na floresta, caso não se lembre que cruzar em sua frente pode ser fatal? Sendo assim, qual a importância da lembrança para a preservação humana? O que seria do homem sem as funcionalidades cerebrais? Essas e outras indagações podem ser extraídas das reflexões do filósofo francês Henri Bergson, reflexões essas que serão apresentadas ao longo do texto.

Para compreender a reflexão bergsoniana, é necessário nos deixarmos conduzir por sua argumentação, livre de preconceitos que impeçam a compreensão. Começemos nossa investigação da filosofia de Bergson, objetivando compreender a partir da matéria, o que é a percepção e a memória.

1.1 Teoria das Imagens

Bergson, no início de *Matéria e Memória*¹, descreve um caminho a ser seguido para o entendimento de sua tese. Nessa obra, o autor explicita que por sermos humanos e estarmos no cosmos, somos matéria assim como qualquer outra matéria animada ou inanimada. A partir dessa compreensão de pertencimento ao conjunto material do cosmos, o autor indica que devemos abandonar todas as concepções de matéria pensadas até então para fazer um exercício reflexivo de supor que toda a matéria pode ser identificada como imagens, inclusive as percepções sensíveis, o corpo e toda matéria da natureza.

Iremos fingir por um instante que não conhecemos nada das teorias de matéria e das teorias de espírito, nada das discussões sobre a realidade ou a idealidade do mundo exterior. Eis-me portanto em presença de imagens, no sentido mais vago em que se possa tomar essa palavra, imagens percebidas quando abro meus sentidos, despercebidas quando fecho.(BERGSON, 1897, p. 11)

Sendo assim, percorremos nossa análise tendo em vista que a matéria, que inclui meu corpo e as percepções de meu sistema sensitivo, são imagens. Imagens essas que existem independentes da percepção no caso da matéria, e que estão em um movimento contínuo mantendo relações entre si.

No entanto, existe alguma diferença entre o corpo e as imagens que o cercam? Para Bergson, há uma diferença entre a imagem corpo e a imagem matéria. A segunda é regida por uma lei que é intitulada pelo autor de "lei da natureza", que se caracteriza pela imposição da relação entre as imagens, as quais agem entre si, recebendo e devolvendo movimento de forma involuntária. Já a imagem corpo, apesar de manter uma relação com a imagem matéria, ao receber um estímulo, há um intervalo no qual se pode decidir realizar o movimento ou não. Sendo assim:

[...] no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença, talvez, de que meu corpo parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe.(BERGSON, 1897, p. 14)

Para o filósofo, existe uma imagem que é privilegiada em relação às outras imagens inanimadas e inconscientes: o corpo. Na concepção do filósofo, diferente de uma pedra e uma árvore que são exemplos de imagens inanimadas e inconscientes, o corpo tem certo privilégio em relação às outras matérias, pois ele é capaz de agir e modificar as imagens circundantes, por ter a possibilidade de escolher o movimento que será efetuado. Diferente das imagens

¹ BERGSON, H. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins fontes, 1897.

inconscientes e inanimadas, que sua influência sobre o restante do mundo material já está determinada pelas "leis da natureza", não havendo necessidade de escolher sua influência sobre as outras imagens. Além desse privilégio de poder modificar as imagens circundantes por meio do movimento, tendo em vista algo que possa preservá-lo, a imagem corpo se distingue das outras imagens pelo seu grau de indeterminação e sua liberdade.

1.2 percepção

Destacamos anteriormente que a existência se caracteriza pelo movimento das imagens e que o corpo, por seu privilégio em relação às outras imagens, tem a possibilidade de exercer mudanças sobre a matéria se necessário. No entanto, como a percepção se relaciona com o movimento das imagens? O primeiro ponto a ser destacado é que, na concepção do filósofo, a vida se caracteriza pela duração e, assim sendo, é móvel. Portanto, não é possível paralisá-la, pois, o que vimos há segundos já sofreu mudanças, ou seja, a existência é uma mutação constante. Mas, se a vida e a matéria são movimentos, como é possível que enxerguemos imagens fixas? Ou seja, se as imagens estão se movendo, como é possível que enxerguemos uma cadeira parada? Para o autor, o que faz as imagens se apresentarem como fixas e imóveis é uma funcionalidade da consciência que vai acumulando todas as percepções ao mesmo passo que flui a duração.

Perceber consiste portanto, em suma, em condensar períodos enormes de uma experiência infinitamente diluída em alguns momentos mais diferenciados de uma vida mais intensa, e em resumir assim uma história muito longa. Perceber significa imobilizar. (BERGSON, 1970, p. 342, apud MARQUES, 2013, p. 79)

Na concepção bergsoniana, por uma funcionalidade psicológica, não conseguimos perceber o movimento contínuo das imagens. Essa função tem por objetivo nossa preservação. Como poderíamos evitar situações de risco se percebêssemos todo o movimento da matéria? Deleuze, em sua obra *Mil platôs capitalismo e esquizofrenia* (1997), descreve o que poderia acontecer com o homem se ele passasse a perceber o movimento contínuo da matéria.²

² O problema está bem colocado quando se diz que a droga faz perder as formas e as pessoas, faz funcionar as loucas velocidades de droga e as prodigiosas lentidões do após-droga, acopla umas às outras como lutadores, dá à percepção a potência molecular de captar microfenômenos, microoperações, e dá ao percebido a força de emitir partículas aceleradas ou desaceleradas, segundo um tempo flutuante que não é mais o nosso, e hecceidades que não são mais deste mundo: desterritorialização, "eu estava desorientado..." (percepção de coisas,

Esse autor se utiliza da sensação provocada após o uso de drogas para justificar que, se nossa percepção se voltasse para o que não é útil, ao ter micropercepções, nós ficaríamos desorientados e confusos. Nosso sistema psicológico desenvolveu mecanismos para captar só o que é necessário para o desenvolvimento de uma ação. Sendo assim, nós só percebemos que uma determinada matéria está em constante mutação quando ela muda quantitativamente de estado, ou seja, quando sua mudança é perceptível. Pois, para o Bergson, “A verdade é que mudamos sem cessar e que o próprio estado já é mudança”. (BERGSON, 2006, p. 2)

Falamos até aqui que a matéria pode ser compreendida como imagem; que ela tem uma existência que independe da percepção, no caso da matéria; que ela está em um movimento contínuo; que o homem tem funcionalidades que fixam as imagens, tendo em vista uma ação possível ou uma ação presente, ou seja, percebe; e que o homem é livre para reagir ao estímulo das outras imagens. Portanto, nos concentramos em evidenciar uma percepção que é puramente humana. Mas, as outras imagens percebem? Ou a percepção é um atributo propriamente humano? Para Bergson, a percepção não é um privilégio de exclusividade humana. A percepção faz parte do reino animal, inclusive de seres unicelulares como protozoários. Sendo assim, a percepção humana é a mesma que a de um protozoário? Segundo o autor, apesar de a percepção ser uma propriedade do reino animal, há uma diferença de grau na percepção de acordo com a complexidade fisiológica do animal, e é essa complexidade que vai ser o ponto que indica o grau de sua indeterminação.

Na concepção do autor, os animais são "centros de indeterminação" e "o grau de sua indeterminação é medido pelo número e pela elevação de suas funções". (BERGSON, 1897, p. 34) Para o filósofo, quando o ser vivo recebe um estímulo, o que vai determinar a temporalidade de sua ação é o grau de sua indeterminação. No caso de seres unicelulares como ameba, que têm uma simplicidade fisiológica funcional, e reagem a estímulos táteis quase que de imediato, seu grau de indeterminação é inferior a seres que têm uma complexidade constitutiva maior. Em seres como o homem, que tem uma composição de órgãos e funções mais complexas, o grau de indeterminação é mais elevado. Afinal, como explica Bergson, "Entre os vertebrados superiores, sem dúvida torna-se radical a distinção entre o automatismo puro, sediado sobretudo na medula, e a atividade voluntária, que exige a intervenção do cérebro." (BERGSON, 1897, p. 25)

Dessa forma, é possível compreender que os seres que são menos complexos, e que têm menos funções, agem de forma sensório-motora. Enquanto seres mais complexos, como o

de pensamentos, de desejo, onde o desejo, o pensamento, a coisa invadiram toda a percepção, o imperceptível enfim percebido). (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 67).

ser humano, que possui cérebro, o tempo de sua reação ou indeterminação é maior, pois os estímulos não são convertidos automaticamente em reações, mas são encaminhados a um receptor que é o cérebro, e é esse receptor que vai determinar se devolve o estímulo ou não. Eis aqui a função do cérebro: "O cérebro não deve portanto ser outra coisa, em nossa opinião, que não uma espécie de central telefônica: seu papel é efetuar a comunicação, ou fazê-la aguardar."(BERGSON, 1897, p. 26) ou seja, o corpo recebe o estímulo, o qual chega ao cérebro, e este transmite ou não a comunicação para efetuação do movimento.

O cérebro, para o autor, age como um órgão responsável por dilatar ou não esse grau de indeterminação. Dessa forma, o homem tem a possibilidade de se distanciar do automatismo. Para além disso, o autor salienta que as múltiplas funcionalidades sensitivas proporcionam ao homem uma maior possibilidade de sua preservação.

Através da visão, através da audição, ele se relaciona com um número cada vez maior de coisas, ele sofre influências cada vez mais longínquas; e, quer esses objetos lhe prometam uma vantagem, quer o ameacem com um perigo, promessas e perigos recuam seu prazo. A parte de independência de que um ser vivo dispõe, ou, como diremos, a zona de indeterminação que cerca sua atividade, permite portanto avaliar *a priori* a quantidade e a distância das coisas com as quais ele está em relação. (BERGSON, 1897, p .29)

Sendo assim, o corpo humano por sua complexidade constitutiva, diferente de seres como protozoário, tem a possibilidade de calcular a distância, o perigo e as ameaças *a priori*, a fim de conservar-se.

Para o filósofo, o corpo e suas funcionalidades perceptivas que incluem os sentidos, o cérebro e a consciência, são fundamentais para que essa imagem corpo seja caracterizada como um centro de ações: "*Meu corpo, objeto destinado a mover objetos, é portanto um centro de ações.*"(BERGSON, 1897, p. 14) A partir dessa compreensão do privilégio do corpo em relação às outras matérias, o autor destaca uma das vantagens que o corpo exerce sobre as outras imagens: "*Os objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre ele.*"(BERGSON, 1897, p. 15) Ou seja, o corpo é responsável por receber estímulos perceptivos das imagens que se relacionam com a imagem corpo, com o propósito de guiar as ações pela relação existente entre o corpo, os sentidos e a consciência. Dessa maneira, executar ou não a ação é possível por esse privilégio natural.

1.3 Percepção consciente e inconsciente

Bergson, em *Matéria e Memória* (1897), faz uma distinção entre percepção consciente e percepção inconsciente, a fim de evidenciar que a percepção pura, pelo fato de não se restringir à ação, é global e consegue abarcar muito mais imagens do que as percepções conscientes, pois a percepção pura não escolhe a imagem a qual vai produzir movimento, ela apenas percebe a matéria sem uma finalidade de exercer uma ação. No caso da percepção consciente, o autor salienta sua limitação, pois, para que se tenha esse tipo de percepção, o que é necessário: "não é iluminar o objeto, mas ao contrário obscurecer certos lados dele, diminuí-lo da maior parte de si mesmo, de modo que o resíduo, em vez de permanecer inserido no ambiente como uma coisa, destaca-se como um quadro". (BERGSON, 1897, p. 33) A partir dessa concepção, Bergson explica que, apesar de a percepção consciente ser crucial para as nossas ações, à medida que ela é a percepção da imagem atual, é limitada e pobre, pois, o sujeito tem que escolher o que vai ser percebido ou atualizado pela memória. Assim, ele deixa uma imensidão de imagens de lado, em função de uma ação real, ou uma ação possível.

A consciência- no caso da percepção exterior - consiste precisamente nessa escolha. Mas, nessa pobreza necessária de nossa percepção consciente, há algo de positivo e que já anuncia o espírito: é, no sentido etimológico da palavra, o discernimento. (BERGSON, 1897, p. 36)

A percepção consciente é o mecanismo corporal capaz de discernir o que é útil ou necessário a nossa preservação, e o que não é útil ou prejudicial a nossa preservação. Há alguma distinção entre a consciência e a percepção consciente? Não. No entanto, o autor utiliza o conceito de percepção consciente para introduzir mais atributos à consciência. Vimos anteriormente que a consciência tem como característica de fixar o movimento para que possamos perceber a matéria de forma objetiva e prática. No entanto, para além dessa função de imobilização, a percepção consciente tem como finalidade atualizar as imagens inconscientes, ou as imagens que se conservam da duração. Em relação às percepções inconscientes, em que elas consistem? São imagens que foram percebidas ao longo da duração e que foram encaminhadas ao espírito. Entretanto, uma grande parte dessas imagens é inibida de se atualizar, pois a ação real, ou a percepção consciente, escolhe apenas o que é útil ao desenvolvimento da ação. Tendo em vista as percepções conscientes e imagens inconscientes, em que consiste a memória? Trataremos dessa temática a seguir.

1.4 Memória

Em *Matéria e Memória* (1897), Bergson afirma que a memória se constitui de forma dual e complementar. Mas, como isso é possível? Pensemos, a princípio, a dualidade da memória na concepção bergsoniana. A memória corpo, segundo o autor se desenvolve com o hábito e é prioritariamente voltada para ação. Já a memória espiritual, é responsável por armazenar todos os movimentos, lembranças e experiências vividas progressivamente.

Começemos descrevendo pelas palavras do filósofo a memória espiritual.

Poderíamos representar-nos duas memórias teoricamente independentes. A primeira registraria todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolem; atribuíria a cada gesto seu lugar a sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou aplicação prática, armazenando o passado pelo mero efeito de necessidade natural. Por ela se tornaria possível o reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual de uma percepção já inteligente; nela nos refugiamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma imagem, a encosta de nossa vida passada. (BERGSON, 1897, p. 88)

Explicitada de forma clara a partir de uma passagem de *Matéria e Memória* (1897), é possível compreender que a função da memória espiritual é registrar todos os acontecimentos e experiências da imagem privilegiada em sua duração. Já a memória do corpo, ou memória hábito, utiliza a percepção e a condição natural da memória espírito para efetuar movimentos. O corpo funciona como uma máquina de ação, possível pelo sistema sensorio motor. Eis a definição da memória corpo.

Esta só reverte do passado os movimentos inteligentemente coordenados que representam seu esforço acumulado; ela reencontra esses esforços passados, não em imagens lembranças que os recordam, mas na ordem rigorosa e no caráter sistemático com que os movimentos atuais se efetuam. A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserva imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil o momento presente. (BERGSON, 1897, p. 89)

A partir da citação acima é possível compreender a memória corpo ou habitual como a responsável por prolongar as lembranças da memória espiritual ou virtual. Essa atualização se efetiva a partir do movimento voluntário. Além disso, a memória corpo é responsável pela efetuação dos movimentos motores.

Após a exposição introdutória do que Bergson caracteriza como uma memória dual está implícito a sua unidade à medida que ambas mantêm uma relação funcional ao corpo, e que ambas constituem uma relação de interação na execução do movimento.

Considerando os dois modelos de memória, o autor sinaliza a preferência habitual de uma das memórias, explicando por que se dá mais ênfase à memória que tem por

característica o hábito, e se potencializa quando o homem utiliza os movimentos motores, do que a memória espontânea, embora essa seja considerada pelo filósofo como a memória por excelência e a fonte da criação. O autor expõe, por meio de seus escritos, que a memória virtual é volúvel ou inconstante, e pode aparecer ou não em uma possível necessidade de desenvolvimento de uma ação. A memória que se utiliza da memória espiritual para ser posta em primeiro plano -memória corpo- consegue pôr a memória espontânea a sua própria vontade, de modo que quando há uma necessidade de executar um movimento no presente, ela se coloca no primeiro plano e possibilita a ação.

As lembranças que se adquirem voluntariamente por repetição são raras, excepcionais. Ao contrário, o registro, pela memória, de fatos e imagens únicos em seu gênero se processa em todos os momentos da duração. Mas com as lembranças aprendidas são mais úteis repara-se mais nelas. E como a aquisição dessa lembrança pela repetição do mesmo esforço assemelha-se ao processo já conhecido do hábito tende-se a colocar esse tipo de lembrança, e a ver na lembrança espontânea apenas esse mesmo fenômeno em estado nascente, o começo de uma lição aprendida de cor. (BERGSON, 1897, p. 90)

Para o autor, a memória corpo ganha uma maior valoração, pois os indivíduos acreditam que o hábito é responsável pela lembrança das imagens e não se dão conta de que o hábito, junto à memória corpo, tem o papel apenas de atualizar a imagem lembrança que é armazenada na duração. Nesse sentido, a lembrança é como se fosse fruto do hábito e, nesse contexto, a memória espírito ganha um valor de servidão à memória corpo, que é credenciada e valorada.

Bergson examina à memória corporal e, descreve seu funcionamento mecanizador das ações humanas, que é responsável por diminuir a possibilidade de dilatação do centro de ação do homem, tornando seus movimentos cada vez mais impessoais.

(...) torna-se-à cada vez mais impessoal, cada vez mais estranha à nossa vida passada. Portanto, a repetição não tem de modo algum por resultado converter a primeira na segunda; seu papel é simplesmente utilizar cada vez mais os movimentos pelos quais a primeira se desenvolve, organizar esses movimentos entre si e, montando um mecanismo, criar um hábito do corpo. (BERGSON, 1987, p. 91)

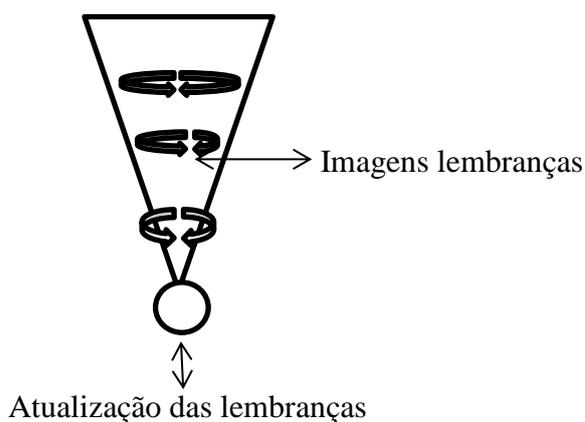
Ou seja, a memória corpo não se caracteriza pela conservação das lembranças, mas pela organização do movimento corporal de uma forma que, com o hábito, as ações se tornem cada vez menos processadas por tudo que envolve a percepção. Para o autor, essa memória corpo só é possível por conta da memória virtual: "esse hábito, aliás, só é lembrança porque me lembro de tê-lo adquirido; e só me lembro de tê-lo adquirido porque apelo à memória espontânea, aquela que data os acontecimentos e só registra uma vez." (BERGSON, 1897, p.

91) E por fim, destaca a memória que considera como memória por excelência: "Das duas memórias que acabamos de distinguir, a primeira parece portanto ser efetivamente a memória por excelência. A segunda, aquela que os psicólogos estudam em geral, é antes *o hábito esclarecido pela memória* do que a memória propriamente." (BERGSON, 1987, p. 91)

Até aqui, descrevemos o que é a memória, sua dualidade e unidade; a relação entre a memória corpo e espiritual na efetivação dos movimentos; e agora evidenciaremos a perspectiva do filósofo, em *Matéria e Memória* (1897), ao exemplificar, por meio da figura de um cone, como a memória corpo e a virtual se relacionam e atualizam as lembranças.

Lembremos a figura de um cone que parte de um círculo cuja extremidade é estreita até a outra extremidade consideravelmente mais larga. Segundo Bergson, a atualização de uma lembrança tem sua localização na parte estreita do cone, ilustrado a seguir pela figura A.

Figura: A- Cone da memória de Bergson



Fonte: elaborada pelo autor

As lembranças não atualizadas se encontram pela extensão do cone e se organizam de acordo com sua utilidade: quanto mais útil, mais próximo da parte estreita do cone, e quanto menos útil, mais longe da parte em que se atualizam as lembranças. Dessa forma, para que uma lembrança se atualize, o espírito se desloca pela dimensão do cone, a fim de que essa lembrança, a qual a consciência seleciona em função da ação atual, se atualize e proporcione a ação. A relação entre a memória corpo e a espiritual se dá dessa forma:

A memória corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é portanto uma memória quase instantânea á qual a verdadeira

memória do passado serve de base. Como elas não constituem duas coisas separadas, como a primeira não é, dizíamos senão a ponta móvel inserida pela segunda no plano movente da experiência, é natural que essas duas funções prestem-se um mútuo apoio. (BERGSON, 1999, P.178)

Havíamos sinalizado anteriormente a complexa memória dual e complementar, a qual foi esclarecida e exemplificada com a passagem anterior. Essa unidade e dualidade se dão no momento da ação, quando a memória virtual apresenta os mecanismos responsáveis pela ação, isto é, o sistema sensório-motor recorre às lembranças para identificar uma certa similaridade com o estímulo ou imagem que se apresenta, a fim de que a percepção consciente possa discernir uma utilidade ou inutilidade de uma imagem atual. No entanto; diz o autor que:

Para que uma lembrança reapareça á consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida. (BERGSON, 1999, P.179).

Nesse sentido, no momento da ação, as lembranças se atualizam ou se prolongam na execução do movimento ao descer da extremidade longínqua até ponta do cone, ganhando vida.

O objetivo que norteia esse primeiro capítulo foi expor as temáticas: percepção e memória, a partir de uma análise de aspectos que as caracterizam. Ao mesmo passo tentamos evidenciar como esses mecanismos são crucias à preservação humana. No capítulo seguinte, examinaremos as temáticas: duração e intuição. A primeira foi mencionada nesse primeiro capítulo em função da necessidade de explicar a memória, enquanto a segunda não foi mencionada, no entanto, faz parte desse sistema que constituí a reflexão bergsoniana. Tendo em vista o que já foi mencionado em relação à percepção e a memória, qual relação ela possui com a duração?

CAPÍTULO II

Duração e Intuição

O movimento extenso e inextenso e sua captação

É notório que uma parte das civilizações organizam suas vidas cotidianas através do controle temporal, ou seja, há uma regulação das ações pautadas na temporalidade. Há horário de acordar, dormir, quantidade de tempo de sono adequado para uma vida longa, horário de trabalho, de refeição, dentre outras organizações temporais as quais nos submetemos. Geralmente não nos questionamos sobre a validade dessa organização até compreendermos a fluidez do tempo por observações que ocasionalmente acontecem em encontros de família ou de amigos que passam um tempo sem se verem e mencionam de forma natural: "quanto tempo não nos vemos!!!" Ou: "como o tempo passou rápido!" Nesse sentido, o tempo só é percebido quando mudanças físicas ou comportamentais são perceptíveis. No entanto, em geral não há um questionamento do que vem a ser o tempo, ou o que caracteriza o tempo.

Uma das temáticas fundamentais das reflexões bergsonianas foi o tempo, mais especificamente a crítica do filósofo à concepção de tempo que ganha uma consonância de sua validade por um respaldo científico, e que é admitido como um paradigma que dispensa o questionamento de sua realidade. O tempo científico, ou aquele que é utilizado no cotidiano, nas nossas organizações em sociedade é medido através de um relógio ou qualquer outra ferramenta, e pressupõe que o sinônimo de tempo são as variações numéricas de hora, minutos e segundos. Essa concepção temporal é questionada e investigada pelo autor.

No capítulo anterior nos concentramos em compreender as reflexões de Bergson iniciada pela investigação dos conceitos de matéria, percepção e memória. Introduzimos dois conceitos que serão o objeto de análise nesse capítulo: duração e intuição. Procuramos desenvolver como o autor refletiu sobre esses conceitos, e qual a sua relação com os conceitos trabalhados no capítulo precedente. Para isso, partimos da reflexão do filósofo referente ao tempo, essa análise nos conduziu à compreensão dos conceitos que objetivamos examinar, a duração e a intuição.

2.1 Movimento e tempo

No capítulo anterior, introduzimos o pensamento de Bergson pela matéria e salientamos que para compreendermos a reflexão do autor, devíamos nos despir de concepções precedentes para nos deixar conduzir pela reflexão do filósofo e compreender a análise que o mesmo se propõe a fazer. Vimos que a matéria é compreendida pelo autor como imagens, e que essas imagens mantêm uma relação entre si pelo movimento. No entanto, o que vem a ser esse movimento? Ou qual é a sua natureza? Nesse primeiro momento, nos debruçamos ao exame do movimento, com o objetivo de iniciar nossa análise da duração.

Um dos alicerces da reflexão bergsoniana é a crítica feita à concepção de movimento desenvolvido em reflexões de Zenão de Eleia, em especial, o paradoxo de Aquiles e a tartaruga. Esse paradoxo, para o autor, é a ilustração da especialização do movimento, pois é o exemplo da retirada da mobilidade, o que causa muita confusão e uma ilusão do que é de fato o movimento real. A seguir explicitaremos o que vem a ser essa espacialização do tempo e o motivo pelo qual Bergson a contesta.

No capítulo II do *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), o autor menciona esse paradoxo para evidenciar um problema que não foi resolvido em seu tempo pelo embaraço que envolve as concepções de espaço e movimento. Nessa obra, o filósofo descreve a confusão feita pelos eleatas³ ao não diferenciar o espaço percorrido do ato de percorrer, e compreendê-los igualmente como movimento. O paradoxo de Aquiles e a tartaruga(RODRIGUES, 2009, p. 237) é um escrito de Zenão no qual o autor faz uma reflexão sobre o movimento, para mostrar que o mesmo é ilusório e que não podemos confundir-lo com o Ser.⁴

No paradoxo, existe um caminho a ser percorrido por Aquiles e pela tartaruga. Nele Zenão afirma que se a tartaruga inicia o percurso com uma distância a frente de Aquiles, ele nunca a alcançará, pois a cada espaço percorrido por Aquiles, a tartaruga também se desloca, e, dessa forma, será impossível alcançá-la. No entanto, Bergson afirma que:

(...) a verdade é que cada um dos passos de Aquiles é um acto simples, indivisível e, depois de um determinado numero desses actos, Aquiles terá ultrapassado a

³ Escola filosófica situada em Eleia a qual Zenão fez parte.

⁴ A reflexão de Zenão foi desenvolvida em consonância com os pensamentos de Parmênides, filósofo que o precedeu e que lhe foi referência; e dissonância em relação à perspectiva de Heráclito por uma aparente divergência.

tartaruga. A ilusão dos elestas é identificar essa série de actos indivisíveis e sui generis como espaço homogêneo que os supõe.(BERGSON, 1889, p. 80)

Por meio de argumentos, Zenão tenta nos conduzir ao que Bergson vai chamar de espacialização do tempo, ou retirar a mobilidade que é natural, e atribuir recortes espaciais para justificar o falso movimento. Zenão entende que o movimento é decomponível e, nesse ato do movimento de Aquiles e a tartaruga, a ideia dele é de que a cada movimento percorrido por ambos, há espaços de deslocamento e repouso. Como isso é possível? Para Zenão, quando Aquiles se desloca até o ponto que se encontra a tartaruga, e chega ao ponto final, a tartaruga já se deslocou do mesmo para um ponto mais a frente. Quando Aquiles mais uma vez se desloca até chegar ao novo ponto onde a tartaruga se encontra, o processo se repete e, assim sucessivamente, o que tornará impossível o alcance da tartaruga. Nesse processo, Zenão utiliza o espaço por meio de pontos e fundamenta o movimento em espaço percorrido, e não em mobilidade indecomponível. Essa concepção de espacialização do movimento desenvolvida pelo eleata impede Aquiles de ultrapassar a tartaruga. Para Bergson, essa reflexão de Zenão é um sofisma que interfere a reflexão do movimento em sua mobilidade e, assim, impede a resolução do problema de uma forma simples. Sobre isso diz o filósofo:

Da confusão entre o movimento e o espaço percorrido pelo móvel derivam, na nossa opinião, os sofismas da escola de Eleia; porque o intervalo que separa dois pontos é dividido indefinidamente, e se o movimento fosse composto de partes como as do próprio intervalo, nunca o intervalo poderia ser ultrapassado. Mas a verdade é que cada um dos passos de Aquiles é um acto simples, e indivisível e, depois de um determinado numero desses actos, Aquiles terá ultrapassado a tartaruga.(BERGSON, 1889, p. 80)

Assim como o movimento espacializado sem sua mobilidade demonstrado através do paradoxo, Bergson exemplifica essa mesma confusão em relação ao tempo que é o mesmo movimento. Para o autor, o tempo cronológico retira a fluidez temporal e a substitui pelo espaço percorrido da agulha do relógio. Há uma tentativa de apreensão do tempo ou, até mesmo, uma pretensão de compreender o tempo como algo mensurável. Contudo, a espacialização do tempo é uma ilusão, assim como a espacialização do movimento, e só tem validade pela sua funcionalidade organizacional das atividades práticas. Para o filósofo, faz-se necessário fazer essa distinção entre o tempo por excelência e o cálculo utilizado para tentar medi-lo.

Mas impõe-se então uma importante distinção. Digo, por exemplo, que acaba de transcorrer um minuto, e entendo por isso que um pêndulo, ao marcar os segundos, executou sessenta oscilações. Se represento as sessentas oscilações só de uma vez e com uma só representação do espírito, excluo por hipótese a ideia de uma sucessão:

penso, não em sessenta toques que se sucedem, mas em sessenta pontos de uma linha fixa, simbolizando cada um, por assim dizer, uma oscilação do pêndulo.(BERGSON, 1889, p. 80)

A partir da posição crítica que alicerça o pensamento de Bergson em relação à forma pela qual o movimento foi substituído pela espacialização, assim como a fluidez do tempo pelo espaço percorrido do pêndulo do relógio, podemos inferir que o movimento não é o espaço percorrido, e o mesmo se pode afirmar do tempo. Embasado nessa perspectiva de mobilidade e fluidez, temos condições, a partir de agora, de compreender o conceito de duração desenvolvido pelo filósofo.

2.2 Duração

Tendo em vista uma temporalidade que se caracteriza pela fluidez e um movimento sem espacialização, mas com mobilidade, podemos compreender o primeiro aspecto destacado por Bergson da Duração.

È justamente dessa continuidade indivisível de mudança que constitui a verdadeira duração. [...] a duração do real é o que sempre se chamou tempo, mas o tempo percebido como indivisível. [...] não discordo que o tempo implica sucessão. Com o que não posso concordar é com a ideia de que a sucessão se apresenta a nossa consciência primeiro como distinção entre um "antes" e um "depois" justapostos". [...] portanto, quer se trate de dentro ou de fora, de nós ou das coisas, a realidade é a própria mobilidade. (BERGSON, 2006, p. 16-17)

Como foi exposto acima, a mobilidade indivisível e o tempo são características da duração. Essa mesma pode ser compreendida de duas formas, a duração interna/inextensa ou psicológica e heterogênia, e a duração por meio da matéria/extensa e homogênia. Mas, antes de chegar a esse ponto, é necessário salientar mais uma característica da duração. Vimos que ela se caracteriza pelo tempo e pela fluidez do movimento de dentro ou de fora de nós. Agora mostraremos outra característica que Bergson a atribui. Para o filósofo, a duração é inextensa, ou seja, não é uma coisa, mas sim um progresso passível de ser captado. Esse progresso pode se dar no movimento psíquico ou na relação do movimento no espaço.

Ora refletindo melhor, ver-se-á que as posições sucessivas do móvel ocupam perfeitamente o espaço, mas que a operação pela qual passa de uma posição a outra, operação que supõe duração e só tem realidade para um expectador consciente, escapa ao espaço. Não lidamos aqui com uma coisa, mas com um progresso: o movimento, enquanto passagem de um ponto a outro, é uma síntese mental, um processo psíquico e, por conseguinte, inextenso.(BERGSON, 1889, p. 79)

O que o autor vem reforçar com esse argumento é que, por mais que o movimento material aconteça no espaço, como no exemplo do paradoxo de Zenão, ele não pode ser confundido como a duração ou o movimento, pois ambos escapam do espaço e de sua calculabilidade por sua inextensão.

Tendo em vista essas características da duração, temos condições de examinar como o autor diferencia a duração que se caracteriza pelo movimento que usa o espaço, ou seja, extenso, e o movimento que não utiliza espaço, inextenso. O primeiro ponto a ser destacado é que eles possuem natureza distinta. A primeira é compreendida como movimento material e a segunda como movimento psicológico.

Em síntese, há que distinguir dois elementos do movimento, o espaço percorrido e o acto pelo qual percorremos, as posições sucessivas e a síntese dessas posições. O primeiro desse movimento é a quantidade homogênea; o segundo só tem realidade na nossa consciência, é, como se quisesse uma qualidade ou uma intensidade. (BERGSON, 1889, p. 79)

Como está explícito na passagem do *Ensaio*, há claramente uma distinção entre os movimentos materiais e psicológicos. O primeiro é representado como movimento quantitativo e o segundo compreendido como movimento qualitativo. A representação quantitativa está na esfera da homogeneidade das imagens vista no primeiro capítulo, assim como o qualitativo está no âmbito psicológico heterogêneo também visto no capítulo precedente, por meio da relação entre as imagens/ lembranças no cone. Explicitaremos, a seguir, o que vem a ser essa homogeneidade quantitativa e essa heterogeneidade qualitativa, retomando o que desenvolvemos no capítulo anterior.

Vimos que para compreender a filosofia bergsoniana deveríamos nos deixar conduzir por sua reflexão, buscando compreender a matéria como imagens, imagens moventes que mantêm relações entre si. Essa relação das imagens para Bergson é a homogeneidade espacial, sem recortes, contínua e fluida. Vimos também que há características humanas que são essências a nossa preservação, uma delas é a percepção. A percepção que desenvolvemos no capítulo anterior tem como uma de suas características a imobilização do movimento contínuo das imagens em função da ação possível ou ação presente. Os recortes efetuados pela percepção ao longo da vida vão se acumulando no espírito à medida que flui a duração. Esses recortes perceptivos que se acumulam no espírito mantêm relações entre si de uma forma diferente da matéria. Essa diferença se faz, pois, no mundo material, as imagens, por terem extensão, só conseguem manter uma extra-relação, ou uma relação, que a extensão impede uma intercessão. Enquanto a conexão das imagens/lembranças, apesar de serem heterogêneas

pela marca temporal que cada uma carrega após o corte perceptivo e o encaminhamento ao espírito, consegue estabelecer um elo com outras imagens espirituais por não ter extensão.

Após retomar os pontos vistos anteriormente, a fim de aclarar o que vem a ser a homogeneidade espacial e a heterogeneidade das imagens lembranças, cabe-nos esclarecer o que são os movimentos quantitativos e qualitativos. Vimos anteriormente que eles são parte da duração, pois a sucessão espacial do móvel escapa o espaço e mantém uma relação psicológica à medida que a síntese desse movimento não possui extensão. Vimos também que quando as imagens/lembranças se intercalam por sua inextensão, após o seu encaminhamento ao espírito, o movimento realizado por elas é fluido e temporal. Sabemos que a duração é inextensa, e que a consciência é parte da duração.

Bergson utiliza o conceito de duração pura para evidenciar a distinção existente entre essas multiplicidades, salientando que a multiplicidade qualitativa é a duração pura, e se caracteriza pelo movimento heterogêneo psicológico que se intercala por meio das imagens/lembranças sem uma justaposição ou uma separação do fluxo da duração. "o que é duração pura exclui toda ideia de justaposição, de exterioridade recíproca e extensão."(BERGSON, 1934, p. 190) Enquanto a multiplicidade quantitativa é a confusão que se estabelece entre o movimento e o espaço e por assim dizer a ilusão do tempo especializado.

Da comparação das duas realidades nasce uma representação simbólica da duração tirada do espaço. A duração toma assim a forma ilusória de um meio homogêneo, e o traço de união entre os dois termos, espaço e duração é a simultaneidade, que se poderia definir com a intercessão do tempo com o espaço.(BERGSON, 1889, p. 78)

Essa diferença é desenvolvida, pois o tempo, na concepção do filósofo, é indiviso, enquanto o espaço pode ser decomponível através da inteligência humana, pelas nossas faculdades perceptivas e conscientes. Essas faculdades proporcionam ao homem, como salientamos no capítulo anterior, o discernimento em função da nossa autopreservação e a facilitação de nossa vida prática. O espaço como um meio homogêneo, segundo o autor, não tem duração. A duração é o que possibilita toda multiplicidade, justaposição, exteriorização, através de uma atribuição consciente possível pelo encaminhamento das imagens à memória que as conservam e se intercalam no fluxo contínuo.

Em resumo, assim como na duração só é homogêneo o que não dura, isto é, o espaço, em que se alinham as simultaneidades, assim também o elemento homogêneo do movimento é o que menos lhe pertence, o espaço percorrido, isto é, a imobilidade. Ora, precisamente por essa razão, a ciência só incide no tempo e no movimento com a condição de eliminar mais, o elemento essencial e qualitativo – do tempo à duração, e do movimento a mobilidade.(BERGSON, 1889, p. 81)

Assim, a captação do movimento pela ciência só é possível por meio da imobilização do tempo que, apesar de ser criticável, é indispensável a nossa vida em sociedade. Sabemos que é possível captar o real pela imobilização que nossa funcionalidade corporal possui, ou seja, pela consciência que o corpo possui. No entanto, é possível captar o movimento sem atribuir a carga distintiva da consciência por meio da percepção? Ou seja, é possível captar o movimento fluido sem as justaposições no âmbito material e psicológico? Desenvolveremos esse ponto a seguir.

2.3 Intuição

Ao longo desse texto viemos evidenciando o meio pelo qual podemos captar o real, utilizando mecanismos corporais que imobilizam o movimento fluido das imagens extensas, atividade que é naturalmente científica à medida que tem por finalidade imobilizar o objeto e decompô-lo para conhecê-lo. Depois dessa decomposição, surge a necessidade de atribuir-lhe um significado, através de símbolos que remetem a algo semelhante por meio dos conceitos, retirando de si o que lhe é essencialmente próprio. As ciências, em geral, tendem a percorrer esse caminho, seja ela de característica física ou psicológica.

Contudo, uma questão se impõe. A imobilização e a simbolização que a ciência e nós utilizamos para compreender o real, ou seja, o movimento fluido, é suficiente para traduzir a realidade mesma? Ou seja, o entendimento que se tem do real por meio da ciência coincide como a realidade ou o afasta da mesma? A partir de agora, esforçar-nos-emos em evidenciar como Bergson compreende o conhecimento científico e o que o filósofo propõe para conhecer o real, ou seja, a vida móvel.

O autor certifica-se de que há duas maneiras de conhecer o mundo material, o primeiro se dá ao rodeá-lo por meio da observação, a fim de captá-lo, que é o caso do método científico. E a segunda maneira, é adentrarmos no objeto e conhecê-lo de maneira íntima que é a metafísica. O primeiro é chamado de método analítico. E o segundo de método intuitivo.

A primeira depende do ponto de vista no qual nos colocamos e dos símbolos pelos quais nos exprimimos. A segunda não remete a nenhum ponto de vista e não se apóia em nenhum símbolo. Do primeiro conhecimento diremos que detém do relativo; e do segundo, ali onde ele é possível, que atinge o absoluto. (BERGSON, 1934, p. 184)

Dessa forma, é possível perceber que o método analítico, segundo o filósofo, se afasta do real a princípio em três aspectos: o primeiro é retirando sua mobilidade. O segundo é

relativizando o que a matéria é de acordo com pontos de vista. E o terceiro, atribuindo conceitos fixos para uma realidade fluída.

No entanto, como escapar dessa imobilização, e apreender o objeto de uma forma íntima sem tirar dele sua mobilidade? Para Bergson, é utilizando o método intuitivo. Mas, o que é esse método?

O artifício desse método consiste simplesmente, em suma, em distinguir o ponto de vista do conhecimento usual ou útil e o do conhecimento verdadeiro. A duração *em que nos vemos agir*, e em que é útil que nos vejamos, é uma duração cujos elementos se dissociam e se justapõem; mas a duração *em que agimos* é uma duração na qual nossos estudos se fundem uns nos outros, e é lá que devemos fazer um esforço para nos colocar pelo pensamento no caso excepcional e único em que especulamos sobre a natureza íntima da ação (...). (BERGSON, 1897, p. 217, grifo do autor)

Ou seja, o que o método propõe é a diferenciação entre o conhecimento que imobiliza e que é uma mera representação simbólica do real, do conhecimento íntimo que coincide como o objeto, e o apreende sem véus. Retomemos o exemplo de Aquiles para aclarar essa diferença.

Vimos anteriormente que Bergson critica os eleatas pela imobilização do movimento. Essa imobilização é um véu que impossibilita a apreensão do movimento que é especializado e simbolizado por variações especiais e numéricas. Para o autor, esse método impede o conhecimento do movimento real. Faz-se necessário nos colocarmos no movimento real sem esses véus e alcançar a sua mobilidade que é vida. A intuição é o meio pelo qual acessamos a mobilidade extensa e psíquica sem a necessidade de imobilizar o real para atribuir-lhe símbolos, ou justapor estados psicológicos. "Chamo aqui de intuição a *simpatia* pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único e, por conseguinte, de inexprimível." (BERGSON, 1934, p. 187) Sendo assim, conseguimos acessar o móvel de forma íntima, no entanto os conceitos impedem de exprimir-lhes de forma fiel o que vem a ser essa mobilidade.

Que nos basta ter mostrado que nossa duração pode diretamente ser apresentada numa intuição, que ela pode nos ser sugerida indiretamente por imagens, mas que não poderia- se damos a palavra conceito o seu sentido próprio- encerra-se numa representação conceitual. (BERGSON, 1934, p. 195)

Diante do exposto, podemos concluir que o método intuitivo, diferente do método analítico, é capaz de captar o movimento em sua mobilidade de forma íntima e fiel, sem a necessidade de imobilizá-lo e utilizar véus para representá-lo. No entanto, essa apreensão do real é inexprimível conceitualmente, pois os conceitos colocam o véu sobre o real à medida

que exclui suas particularidades, tendo em vista universalizá-lo por características comuns a outros objetos que um sujeito percipiente julga conhecer.

Tendo em vista o que foi abordado aqui, surge outra questão: há alguma possibilidade de exprimir a duração em sua mobilidade? Ou seja, é possível exprimir o movimento sem que para isso haja a necessidade de retirar a sua mobilidade por meio da espacialização ou conceituação?

Nesse capítulo, o nosso objetivo foi desenvolver a perspectiva bergsoniana dos movimentos extenso e inextenso e a possibilidade de captá-los. Vimos que o autor tece uma crítica em relação à espacialização do tempo desenvolvida por Zenão através de um paradoxo e, em contrapartida, o autor explicita o que é o movimento real, assim como o tempo. Em seguida, intercalando com o capítulo precedente, vimos o meio pelo qual captamos o real, imobilizando-o, justapondo-o e descaracterizando-o por meio da conceituação científica. Explicitamos o que o filósofo propõe para captarmos esse movimento sem que para isso retiremos sua mobilidade ao utilizar métodos científicos. Vimos ainda que o método intuitivo é o meio pelo qual podemos captar esse movimento seja ele material ou psicológico, no entanto, esse movimento não é capaz de ser exprimível pelo conceito.

No capítulo que se segue investigaremos se é possível exprimir a duração, sem que para isso precisemos retirar da vida sua mobilidade. Tentaremos, ainda, estabelecer uma conexão entre a arte e a filosofia, com a finalidade de expor como a filosofia mantém relações de similaridades com a arte à medida que foge do automatismo, e qual função social que ambas desenvolvem de acordo com a percepção de Bergson.

CAPÍTULO III

Filosofia e Arte

A fuga do véu da vida, e a volta ao orgânico por meio da arte.

Nos capítulos precedentes dessa pesquisa, nos dedicamos à investigação da filosofia bergsoniana, tendo em vista uma reconstrução dos temas tratados pelo autor que desse conta de exprimir, de maneira acessível, o percurso que o mesmo desenvolveu por meio de uma larga produção, que o projetou a se tornar um filósofo notável na história da filosofia, por um estilo filosófico que trata as temáticas em questão de forma profunda, ao mesmo passo que procura eliminar a rigidez metódica que é habitualmente utilizada nos escritos filosóficos, tanto em termo de construção textual, quanto em sua compreensão ou reflexão.

O alicerce que nos conduziu até aqui passou por uma análise de sua teoria, rodeando seus conceitos e procurando compreendê-lo, para a partir daí adentrar em seu sistema filosófico e participar desse fluido linguístico que o autor desenvolve para que possamos deixar o automatismo e as justaposições estabelecidas pela inteligência, e nos permitir fazer parte desse movimento contínuo e flexível que é o seu sistema.

Chegamos a essa etapa desse percurso com uma indagação que se desenvolveu no capítulo precedente, depois de termos analisado a pesquisa de Bergson, desde as funcionalidades corporais essenciais para nossa autopreservação, perpassando pela crítica tecida pelo autor à forma pela qual os eleatas e os cientistas utilizaram para justificar o movimento e o tempo. Compreendemos a crítica do autor a essas concepções e os fundamentos que o mesmo utiliza para propor uma nova forma de captar o movimento da vida. Agora temos a incumbência de examinar o meio pelo qual o filósofo propõe, ou se há possibilidade de exprimir o movimento fluido da vida, sem que para isso retiremos dela sua mobilidade.

O capítulo que se segue terá como objetivo examinar o método que Bergson sugere para que nós possamos captar o real e exprimi-lo sem que caiamos no mesmo erro que o referido autor criticou. Pretende-se também estabelecer uma conexão entre esse método filosófico e a criação artística, tendo em vista suas similitudes, e funções que ambas servem

ao meio social após a automatização que adquirimos ao logo de nossas vidas e que, por consequência, acaba nos afastando do real ao nos apegarmos ao véu da representação simbólica e deixarmos o fluxo vital escapar.

3.1 A mobilidade conceitual

Habitualmente não nos damos conta do quanto os conceitos interferem em nossa forma de pensar o mundo ou a vida prática. É inegável que a linguagem conceitual é fundamental à comunicação e às relações humanas, e figura como algo necessário. Utilizamos os conceitos para identificar a matéria extensa e até expor sensações psicológicas subjetivas. No entanto, frequentemente nos pegamos em entraves linguísticos por não encontrarmos adjetivos capazes de expressar o que sentimos ou, até mesmo, matérias desconhecidas. Esses entraves se dão, pois o conhecimento que se vincula às ciências não é capaz de compreender o fluído psicológico e a matéria a qual não teve um batismo conceitual ou não encontra similitude com algo "conhecido". O conceito é o ponto de partida do conhecimento. Para as ciências, não se conhece algo sem que ele possa ser exposto conceitualmente, enquanto isso a experiência material é posta em segundo plano em função de sua comunicabilidade.

Vimos anteriormente que o conceito, ou o simbolismo do real, é criticado por Bergson, por não ser capaz de expressar a vida em sua mobilidade. Findamos o capítulo precedente com a seguinte questão: é possível exprimir a duração em sua mobilidade? Ou, em outras palavras: é possível expor o real sem que para isso o simbolismo conceitual cubra com seu véu da inteligência a vida? Nos dedicaremos a partir de agora a essa questão.

O primeiro dos pontos a serem destacados da crítica do autor em relação à exposição do real para responder à questão posta no parágrafo anterior, é compreender de onde parte o movimento do conhecimento. Para o filósofo, a ciência e os seres dotados de inteligência, para conhecer o objeto, partem do conceito, e não da experiência com o real para compreendê-lo. Segundo Bergson, o primeiro passo para que tenhamos condições de expressar o real, ou nos aproximarmos o quanto possível dele por meio da linguagem, é através de uma inversão desse método do conhecimento. Ou seja, conhecer o real em sua mobilidade, para depois tentar exprimi-lo por meio de conceitos.

É verdade que, para tanto, cabe proceder a uma inversão do trabalho habitual da inteligência. Pensar consiste normalmente em ir dos conceitos as coisas, e não das coisas aos conceitos. Conhecer uma realidade, no sentido usual da palavra

"conhecer", é tomar conceitos já prontos, dosá-los e combiná-los entre si até obter um equivalente prático do real. (BERGSON, 1934, p. 205)

A partir desse movimento contrário, teremos condições de tentarmos expor o real ou aproximar o conceito do mesmo.

O segundo ponto a ser destacado e que vimos anteriormente, é que o conceito possui uma estrutura imóvel e que exprimir o móvel, ou a duração com conceitos imóveis, se tornaria um entrave para aproximação do que as palavras querem descrever, ou seja, a mobilidade. Sendo assim, o que seria necessário para exprimir conceitualmente a vida em movimento? Bergson sugere uma nova construção conceitual, que escape à rigidez e que seja capaz de acompanhar a mobilidade da duração.

Decerto, os conceitos são-lhe indispensáveis, pois todas as outras ciências trabalham com conceitos e a metafísica não poderia passar-se das outras ciências. Mas ela só é propriamente ela mesma quando ultrapassa o conceito, ou pelo menos quando se liberta dos conceitos rígidos e já prontos para criar conceitos bem diferentes daqueles que normalmente manejamos, quero dizer para criar representações flexíveis, móveis, quase fluidas, sempre prontas a se moldarem pelas formas fugidas da intuição.(BERGSON, 1934, p 195)

Seguindo esses passos, a volta ao real, e a criação conceitual flexiva, estaríamos com mais condições de compreender a mobilidade e expressá-la conceitualmente. Entretanto, em função de nossa vida prática, abdicamos dessa nossa capacidade, por ser mais cômodo, fixar o movimento para analisarmos e expressá-lo fora de sua natureza móvel.

Obtemos assim apenas uma imitação canhestra, uma contrafação do movimento real, mas essa imitação nos serve bem mais a vida do que faria a intuição da coisa mesma. Ora, nosso espírito tem uma irresistível tendência a considerar mais clara a ideia que lhe serve mais frequentemente. É por isso que a imobilidade lhe parece mais clara que a mobilidade, a parada anterior ao movimento. (BERGSON, 1934, p. 212)

Apesar de seres inteligentes estarem acomodados à vida prática e aplicarem conceitos rígidos a uma realidade móvel, a única possibilidade que o autor destaca para compreender e expressar a mobilidade, é seguir o caminho destacado nos parágrafos anteriores, voltar à realidade imediata, e só depois atribuir-lhe conceitos flexivos. Essa volta ao imediato, ou esforço despendido para compreender o real, é compreendido pelo autor como a metafísica.

Nisto consiste a função habitual dos conceitos já prontos, essas estações pelas quais banalizamos o trajeto do devir. Mas querer penetrar com ele até na natureza íntima das coisas é aplicar á mobilidade do real um método que foi feito para fornecer pontos de vista imóveis sobre ela. É esquecer que, se a metafísica é possível, ela só pode ser um esforço para escalar de volta a inclinação natural do pensamento, um esforço que se instala de imediato, por uma dilatação do espírito, na coisa que se

estuda, enfim, para ir da realidade aos conceitos e não mais dos conceitos a realidade. (BERGSON, 1934, p. 213)

Destacamos os possíveis caminhos que o autor propõe para apreensão do real em sua mobilidade e um meio possível de exprimi-lo de forma conceitual. A busca pela captação do movimento, intuitivamente, é um tema muito caro a filosofia bergsoniana e um caminho que o autor indica para compreender a mobilidade viva. Além desse esforço da volta ao imediato, o filósofo utiliza como exemplo para ilustrar sua reflexão da duração, a arte, mais especificamente a música.

A seguir, apresentaremos as indicações que o autor utilizou para exemplificar por meio da música a duração e como a arte pode ser compreendida segundo o autor, como meio capaz de sugerir a intuição do real.

3.2 Música e duração

No intuito de aclarar o que vem a ser a duração, um dos meios que Bergson utiliza como exemplo é a música. Para o autor, o movimento musical, que engloba uma temporalidade e uma relação entre acordes que se relacionam de forma solidária em uma mistura indivisa, possibilita a compreensão desse fluxo contínuo e desse movimento que escapa o espaço e o móvel. Tomemos como ponto de partida uma passagem do filósofo.

Escutemos uma melodia, deixando-nos embalar por ela: não temos nós a percepção nítida de um movimento que não está vinculado a um móvel, de uma mudança sem nada que mude? Essa mudança se basta, ela é a coisa mesma. E, por mais que tome tempo; é indivisível: caso a melodia se interrompesse antes, já não seria mais a mesma massa sonora ; seria outra, igualmente indivisível. (BERGSON, 1934, p. 170)

Para o autor, a continuidade do fluxo da música ou a sucessão dos acordes é como o movimento dos nossos estados de consciência. A arte sonora possui um movimento que, levando em conta a temporalidade real, é indecomponível, por ser um movimento que, assim como a mobilidade psicológica, escapa à fragmentação espacial e é comparada e identificada como exemplo do movimento da duração. A música com acordes que individualmente parecem desconexos e que, em conjunto formam o uno musical, é, para o filósofo, a ilustração do que vem a ser nossos estados de consciência, que de forma solidária se inter-relacionam e constituem um movimento relacional indiviso.

Não se poderia dizer que, as notas se sucedem umas nas outras, e que seu conjunto é comparável a um ser vivo, cujas partes, se bem que distintas, se penetram exatamente pelo próprio efeito de sua solidariedade? A prova esta em que, se

quebrarmos a medida insistindo mais que o razoável numa nota da melodia, não será seu prolongamento exagerado, enquanto alongamento, que nos advertirá do nosso erro, mas mudança qualitativa assim fornecida ao conjunto da frase musical. (BERGSON, 1889, p. 73)

Para o autor, a música seria uma sugestão da duração em sua mobilidade e uma ilustração desse movimento vivo. A arte que engloba a música, desenvolvida pelo artista, é capaz de nos ajudar a fugir da condição em que nos encontramos, desse estado de simbolização do real, para compreendê-lo em sua mobilidade.

3.3 Alargamento perceptivo

Ao longo desse texto, nos dedicamos aos escritos de Bergson e compreendemos, em especial, no capítulo precedente, que o autor desprende um esforço considerável para inverter a forma pela qual concebemos o real, ou seja, parte da experiência e não do conceito para conhecer o movimento da vida. Esse esforço se dá, pois, para o autor, à medida que utilizamos os conceitos para explicar o real, conseqüentemente, empobrecemos nossa experiência sensitiva, e acabamos utilizando a dialética para tentar exprimir uma realidade que não é captada pelos sentidos de forma ampla.

Eu dizia que a insuficiência da percepção natural que levou os filósofos a completar a percepção pela concepção- esta devendo colmatar os intervalos entre os dados do sentido, e os da consciência e, assim fazendo, unificar e sistematizar nosso conhecimento das coisas. Mas o exame das doutrinas mostra-nos que a faculdade de conceber, à medida que progride nesse trabalho de integração, está reduzida a eliminar do real um grande numero de diferenças qualitativas, a apagar em parte nossas percepções, e a empobrecer nossa visão concreta do universo. (BERGSON, 1934, p. 154)

Dessa forma, faz-se necessário, como destacamos anteriormente, desenvolvermos mecanismos capazes de inverter essa lógica que vem afetando a nossa compreensão do dado imediato. Para isso, deveremos penetrar junto à sensibilidade e possibilitar um alargamento perceptivo, capaz de nos proporcionar uma experiência mais profunda do real.

Mas suponha que, ao invés de querermos nos elevar acima da percepção das coisas, nela nos aprofundássemos para cavá-la e alargá-la. Suponha que nela inseríssemos nossa vontade e que essa vontade, dilatando-se, dilatasse nossa visão das coisas. Obteríamos dessa vez uma filosofia na qual não se sacrifica nada dos dados do sentido e da consciência: nenhuma qualidade, nenhum aspecto do real se substituiria sob o resto ao pretexto de explicá-lo. (BERGSON, 1934, p. 154)

A penetração do real junto à percepção possibilitaria ao homem um alargamento perceptível capaz de por o conceito como auxiliar na exposição do real, e não como um protagonista que ganhou corpo ao longo da História da Filosofia.

Destacamos, no ponto anterior, que a música seria um meio que ilustra a duração e que a arte, através das criações dos artistas, segundo o autor, seria um meio capaz de nos distanciar da simbolização conceitual e nos aproximar do real, de forma móvel ou em sua mobilidade. No entanto, o que o artista teria de especial ou o que as obras de arte têm em especial que nos proporcionam esse avanço, ou caminho inverso da simbolização? Tomemos as palavras de Bergson para demonstrar o que o mesmo atribui à figura do artista.

Com efeito, á séculos surgem homens cuja função é justamente a de ver e de nos fazer ver o que não percebemos naturalmente. Os artistas. O que visa á arte, a não ser nos mostrar, na natureza e no espírito, fora de nós e em nós, coisas que não impressionavam explicitamente nossos sentidos e nossa consciência? (BERGSON, 1934, p. 155)

Para o filósofo, o artista, por meio de suas criações, consegue despertar em nós a motivação para percebermos o real. No entanto, por que o artista consegue perceber o real de maneira mais profunda que os não artistas? Ou, em outras palavras, por que o artista possui uma percepção mais alargada?

Para Bergson, nós vivemos de uma forma utilitária. Nossas ações são realizadas em sentido prático. Um artista, pelo fato de ser considerado um "idealista", ou até mesmo um "distráido", consegue ter uma percepção melhor do que lhe é apresentado, do que um não artista. Mas como isso é possível? Para o filósofo, a nossa vida cotidiana se estabelece previamente, e essa previsão impede de perceber caminhos possíveis, para além do trajeto planejado. Essa forma de vida elimina a possibilidade do surgimento do novo ou a percepção do mesmo. Para o filósofo, nossa percepção parece que é programada para classificar e separar o que é útil do não útil. E essa separação nos impede de perceber muita coisa que está diante de nós.

Dentro dessa perspectiva que o autor desenvolveu em relação a uma possível função que é exercida pelo artista em seu meio, ou seja, indicar o real por meio da obra de arte, Bergson destaca que o mesmo caberia ao filósofo. Não em exercer com as mesmas ferramentas do artista a filosofia. Mas, penetrar em caminhos que são deixados em segundo plano pelo meio social por uma inutilidade prática e fazê-los perceber o quanto pensamentos ou organizações ignoradas são influentes ou fazem parte direta ou indiretamente de suas vidas.

O papel da filosofia não seria, aqui, o de nos levar a uma percepção mais completa da realidade graças a um deslocamento de nossa atenção? Tratar-se-ia de afastar essa atenção do lado praticamente interessante do universo e de voltá-la para aquilo, que praticamente, de nada serve. Essa conversão da atenção seria a própria filosofia. (BERGSON, 1934, p. 159)

Dessa forma, podemos compreender que fazer arte e fazer filosofia possuem pontos de interseção, que é um deslocamento do utilitário, para que a criatividade surja e se materialize em arte, e para que os questionamentos surjam, e ganhem reflexões dignas de serem evidenciadas filosoficamente. Ambas possuem um papel social de extrema relevância, que possibilita ao homem compreender, por intermédio da arte, a necessidade de viver com mais intensidade o real. Além de permitir, por meio da filosofia, que reflitamos o nosso meio, através dos seus escritos que aparentemente não são creditados em sentido prático, ou que são sempre postas em segundo plano, em função de uma vida positiva repleta de necessidades criadas.

Considerações finais

O caminho que nos trouxe até aqui foi suficiente para abordarmos de forma abrangente algumas questões da filosofia bergsoniana. Tendo como foco a pesquisa do método adotado por Bergson para captar o movimento material e psicológico, passamos por temáticas caras às reflexões do filósofo, como a percepção, memória, tempo, movimento, intuição, simbolismo do real, além da relação entre o artista e o filósofo.

Sabemos que o caminho traçado aqui foi um dos possíveis para exposição dos temas tratados pelo autor, que, por ter engendrado uma filosofia com temáticas que se tocam e que podem ser exploradas a partir de vários ângulos, nos possibilitou escrever, partindo da matéria e dos fatores que permitem a preservação, até a percepção alargada, ou captação do movimento vivo. Este último, tema desenvolvido por Bergson, a saber, a metafísica, é um tema fundamental à filosofia e merece ser mais evidenciado, pois é uma forma de compreensão que escapa a toda uma tradição ao apresentar elementos novos à reflexão.

Evidenciamos, por meio deste trabalho, que a intuição é o ponto crucial para a percepção do real, e que a arte pode ser muito importante para indicar uma realidade que se esconde no simbolismo conceitual, por conta da percepção privilegiada do artista, que se deixa viver, e compreende o fluxo vital em sua mobilidade. Pretendemos dar continuidade a essa pesquisa futuramente, concentrando-nos a partir dessa base teórica para um desenvolvimento mais profundo da relação entre a filosofia e a arte, e como se fundamenta o processo de criação artística na concepção de Bergson.

Referência

BERGSON. H. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. [1889] Trad. De João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, [S. d.].

_____ **Matéria e memória**. [1897] Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins fontes, 1999.

_____ **Memória e vida**. Trad. Claudio Berliner. São Paulo: Martins fontes, 2006.

_____ **O pensamento e o movente**. [1934] Trad. de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins fontes, 2006.

DELEUZE, G, GUATTARI, F. **Mil platôs capitalismo e esquizofrenia**. Trad. de Suely Rounik. São Paulo: editora 34, 1997

MARQUES, S. **A busca da experiência em sua fonte: Matéria, Movimento e percepção em Bergson**. *Trans/Form/Ação*, Marília, v.36, n. 1, p. 61-80, 2013.

RODRIGUES, O. **Zenão de Eleia, discípulo de Parmênides: um esboço**. *Kíneses*, Vol. I, p. 233-247, 2009.